

DA APATIA À EMPATIA NA PESQUISA ENGAJADA: MARCAS INDELÉVEIS DA LAMA QUE TUDO TRANSFORMOU

Armindo dos Santos de Sousa Teodósio¹

Este é um relato de um pesquisador que teve sua vida transformada pelo tragédia derivada de crime corporativo acontecido em Brumadinho, Minas Gerais, no dia 25 de janeiro de 2019. Como é de amplo conhecimento, a barragem de rejeitos da Mina Córrego do Feijão da mineradora Vale S. A. se rompeu, o que trouxe morte e destruição, desesperança e sofrimento para milhares de seres vivos, humanos e não humanos, em Brumadinho e ao longo do Rio Paraopeba. Esta é uma pequena história de alguém que se transformou com esse episódio e que tem descoberto e reaprendido, gradativamente, o significado de lições que “sabemos de cor, mas ainda não havíamos aprendido”, parafraseando a bela obra musical de meus conterrâneos das Terras Gerais, Ronaldo Bastos (um fluminense muito mineiro) e Beto Guedes, em “Sol de Primavera”. A lição que sabia de cor era a pedagogia freiriana, um pensador muito citado, menos lido e muito menos compreendido em sua totalidade do que merece e do que precisamos frente às urgências de nossa contemporaneidade marcada por riscos, inseguranças de todas as ordens e muitos debates sobre o papel da universidade nesse contexto, sob a verdadeira fixação com o tema do “impacto da pesquisa”. Cabe lembrar, como uma vez nos lembrou Guimarães Rosa, que “o contrário de uma ideia fixa

¹ Doutor em Administração de Empresas (Fundação Getúlio Vargas, Brasil). Professor Adjunto da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. <http://lattes.cnpq.br/2167878748442691>. <https://orcid.org/0000-0002-7835-5851>. armindo.teodosio@gmail.com. Endereço para correspondência: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Administração. Rua Itaú, 525, Prédio Redentoristas, Dom Cabral, Belo Horizonte, MG, Brasil. CEP: 30535-012. Telefone: (55 31) 33194947.

não é uma ideia solta”. Temos muitas ideias fixas nesse verdadeiro fetiche do impacto da pesquisa, quando talvez precisemos de muitas ideias soltas para efetivamente alcançarmos uma pesquisa, extensão e docência centradas no ideal freiriano.

Essa tarefa, a de contar um pouco sobre como a lama assassina e tóxica da mineração em Brumadinho mudou a minha vida, escrita em primeira pessoa, não é trivial a mim, pesquisador treinado ao distanciamento entre sujeito investigador e sujeitos investigados, salas de trabalho do grupo de pesquisa e campo de pesquisa, entre saberes científicos e saberes múltiplos da vida, das comunidades. Mas, com ousadia e insegurança tomo essa trilha, que não sei ao certo onde vai dar. Mas, a partir de Freire, Bell Hooks e outros tantos e tantas da Pedagogia Crítica, a gente se descobre mais forte do que os opressores nos imaginam, capaz de proezas para as quais nunca estamos preparados, no nosso eterno devir.

Saí da apatia bem treinada por anos de formação para a pesquisa científica, a escrita acadêmica e a adaptação ao *ethos* universitário, na minha longa e tortuosa caminhada acadêmica, para o mundo da Pesquisa Engajada, no qual persigo a todo custo a empatia como elemento transversal de todos os meus atos sociais na universidade. A empatia como mola mostra para dar sentido, como um ato social total ao meu fazer na pesquisa, na extensão e no ensino universitários.

Minha formação científica e metodológica foi para lá de tradicional, em campos de conhecimento nos quais a colonização impera e as lutas decoloniais às vezes são ingratas e marginais, como as Ciências Econômicas (minha graduação na UFMG em 1993), as Ciências Sociais (meu mestrado pela PUC Minas em 2002) e a Administração (meu doutorado pela FGV EAESP em 2008). Uma trajetória que exposta assim parece linear e crescente, porque encobre o “*longo e selvagem caminho*” para fechar a graduação, como nos dizem Lennon e McCartney na

canção que é a minha predileta desse quarteto de besouros. Isso porque minha caminhada é marcada por várias reprovações inéditas na graduação, situação até então na minha vida escolar, e para conquistar outro mestrado depois do jubramento de meu primeiro mestrado em Administração na UFMG. Tornei-me uma “ameba acadêmica”, formado em vários campos, escolas e junto com diferentes professores e pesquisadores, que hoje prefiro retratar como “nomadismos acadêmicos”, tomando emprestado Bourdieu, como sugestão da supervisora de pós-doutoramento em Ciências Ambientais no PROCAM USP, a queridíssima Maria Cecília Loschiavo dos Santos, a quem sou sempre muito grato.

A lama em Brumadinho, que assassinou amigos de infância e adolescência, colegas e conhecidos e ex-alunos meus, me permitiu alçar um outro patamar de meu fazer acadêmico. Eu já vinha sendo mudado por pessoas essenciais, pesquisadores que se fizeram meus educadores, a maioria deles sem nunca ter frequentado uma disciplina sequer, sem nunca ter sido seu aluno.

Com Peter Spink da FGV EAESP e sua sempre presente cordialidade em dialogar com todo e qualquer pessoa em suas magistrais palestras, percebi o poder do interesse genuíno pelo outro, mesmo que esse outro fosse nossa antítese, na construção de diálogos democráticos, emancipatórios e substantivos. Com ele aprendi que luta pode e deve ser firme, mas sempre cordial e suave, que o recurso da violência argumentativa, que por anos vi professores praticarem como símbolo de intelectualidade elevada e rigor conceitual, não se compara ao interesse genuíno em escutar, estabelecer um vínculo argumentativo e aí, se contrapor. Lições esquecidas nesses tempos sombrios que vivenciamos, nos quais, infelizmente, muitas vezes as vozes progressistas, sem perceber, repetem a gramática política do evangelho neofascista, com o sinal trocado.

Com Sonia Ospina, pesquisadora colombiana do *Research Center for Leadership in Action* da *New York University*, aprendi que quem muito já escreveu e teorizou

deve se sentar na mesa de pesquisa para ouvir. Aprendi antes mesmo de ler em complexidade seus textos, que a Liderança para a Transformação Social é sempre coletiva, e nunca do Líder como saberes colonizados na Administração e até na Teoria Social sempre nos ensinam. Compreendi pelo exemplo dentro da condução do grupo de pesquisa do qual fiz parte que devemos sempre ser coerentes nos nossos escritos democráticos. Não foi uma aprendizagem simples. Aconteceu depois de muita desordem e desorientação em mim, porque havia convivido por anos com pesquisadores que discursam eloquentemente sobre democratização profunda da sociedade a partir de um ser e existir muito autoritário dentro dos grupos de pesquisa, salas de aula e auditórios universitários.

Mas, não estou aqui para falar de mim, por mim mesmo. Estou aqui para tentar demonstrar que pesquisa se aprende pesquisando, que teorização se consolida atuando e que atuação se amplifica teorizando. Isso é freiriano, com certeza, pelo conceito de *práxis*, mas é também da já saudosa Bell Hooks, é sentir-pensar de Fals-Borda, é tanta coisa, mas nada se não paramos para contar nossa história, que é sempre coletiva. Estou aqui para contar como hoje Paulo Freire está colocado em mim, para além do pensar, para além do sentir, sua esperança faz parte constitutiva de meu fazer acadêmico, ainda muito imperfeito, mas como um horizonte a ser utopicamente perseguido sempre. Mas, essa história só fará sentido para você, querido leitor, querida leitora, se entender o que é Brumadinho em mim.

Sou “filho de Brumadinho”. Não posso dizer que sou nascido lá porque em 1969, ano que vim a este mundo, não havia hospitais adequados para se dar a luz naquela terra. Apesar de essa cidade ser muito próxima de Belo Horizonte, em 1969 o trajeto entre as duas cidades era marcado por uma longa jornada em uma estrada de terra. Foi assim que um “filho de Brumadinho” nasceu em Belo Horizonte. Mas, sou de Brumadinho, cresci lá, vivi lá até os quinze anos de idade, quando me transferi para Belo Horizonte para estudar. Sempre procurei manter

os vínculos com essa terra. Não me esqueço de como, ainda na graduação em Ciências Econômicas na UFMG, o retorno a minha terra em um ônibus lotado e desconfortável, enchia meu coração de força. Brumadinho sempre me nutriu. E, agora, nos tempos atuais, a terra que me nutriu está contaminada com uma lama tóxica, capaz de matar não apenas pessoas, animais e plantas, mas matar a esperança de Bem Viver através do asfixiamento e empoeiramento causado pela Minerio-Dependência.

Ainda assim, e ainda hoje, não posso dizer que conheço esse extenso município da Região Metropolitana de Belo Horizonte, que poderia conter duas vezes e meia a cidade de nosso estado. Um município com diferentes territórios e segredos, não apenas porque o seu desvelar e conhecer são sempre fugidios e complexos, mas porque exige algo além do pensar, exige irmos para o Sentir-Pensar do irmão freiriano da bela Colômbia, Orlando Fals-Borda. Um município repleto de invisibilidades, apagamentos, desconhecimento, desprezo e descuido com nossos irmãos negros, nossos amigos do campo, as pessoas simples e admiráveis de lugares múltiplos dessa terra múltipla, diversa, que é um microcosmo de um Brasil no que tem de melhor e de pior, um microcosmo de desigualdades, de riqueza e pobreza, de visibilidade e ostracismo, de desencontros, de vulnerabilidades, de descuido com as vidas humanas e não humanas.

Estava assistindo televisão em 25 de janeiro de 2021, quando notícias por *WhatsApp* começaram a chegar a mim. Algo importante e assustador havia acontecido em Brumadinho. Meu primeiro contato com a lama que mata foi através da mediação das telas de TV. Imediatamente contatei minha mãe, que até hoje reside sozinha, porque filho único sou, em Brumadinho. Estava tudo bem, mas estávamos todos atônitos. E o dia foi avançando com a tragédia sendo espetacularizada pelas lentes das filmadoras da grande mídia.

Nesse primeiro dia da tragédia, depois de horas no sofá assistindo a resgates, com o coração partido e os olhos em lágrimas, lembrando-se e pensando em amigos queridos que não sabia por onde estavam, e sendo bombardeado por fotos, microvídeos e depoimentos de diferentes pessoas, alguns de trabalhadores que estavam na mina do Corrégo do Feijão e na região, decidi escrever a mensagem abaixo, que acabou sendo publicada no Portal GGN:

Ironia do destino, estou terminando um artigo para um livro sobre Mariana, tratando do *modus operandi* de neutralização de *stakeholders* usado pela Samarco-Vale-BHP. Infelizmente, tão ruim quanto a tragédia é a pós-tragédia. Brumadinho corre riscos de desaparecer como comunidade. A cartilha das mineradoras, todas agindo de forma igual em todas as partes do mundo, é:

- a) postergar ao máximo a punição pela via jurídica;
- b) estabelecer a chantagem locacional – ou se tem emprego ou se fecha a mina;
- c) mudar o porta-voz com a comunidade o tempo todo e fazer declarações díspares o tempo todo – negociação volta ao zero sempre;
- d) contratar locais para intermediar a relação, dando a impressão de preocupação com os locais, mas na verdade para neutralizar ataques;
- e) negociar indenizações “*one-by-one*”, jogando as pessoas da comunidade umas contra as outras e destruindo o capital social local (e depois afirmar que não há capital social local para os projetos de reparação que se propõe a fazer);
- f) cooptar os governos local e estadual, bem como a mídia;
- g) forçar a mídia a descrever os protestos locais como protestos de radicais que são contra o desenvolvimento e não tem senso pragmático ou razoabilidade;

h) cooptar pesquisadores e formadores de opinião, financiando visitas técnicas e pesquisas;

l) fazer-se de vítima dos aproveitadores que aparecem em toda tragédia, para se configurar como mineradora coitada atacada e explorada por todos.

E para piorar, dezenas de pesquisadores e consultores inescrupulosos baixaram em Mariana, para torrar milhões em projetos pífios e publicar nas revistas A1.

P.S.: Um mês depois de Mariana, uma holandesa me pediu contatos e contatos para pesquisar lá; e desapareceu.

Mal sabia eu que esse *zap* ia rodar o mundo. E quase meia hora depois o querido irmão de pesquisas, batalhas, sonhos e lutas socioambientais, o professor André Luiz Freitas Dias, coordenador do Programa de Extensão Polos de Cidadania da UFMG, me escreveu dizendo: “cadê meu artigo?!”. Era sobre essa demanda que minha mensagem inicial de *zap* falava. Eu expliquei a ele que o atraso, que depois virou não envio definitivo (nunca terminei esse artigo, terminarei um dia), agora se tornava uma tarefa hercúlea, porque “sou filho de Brumadinho” e estava abalado. E daí surgiu um convite para que, no dia 28 de dezembro de 2021, eu me encontrasse com a equipe do Polos em visita a Brumadinho. Esse convite mudou a minha vida e hoje, se me assumo como um “Pesquisador Engajado” e se creio que compreendo intelectualmente mas também em sentimento as esperanças de Paulo Freire, a razão desconcertante e tão óbvia, sublime e não difícil de tocar do Sentir-Pensar de Orlando Fals-Borda, se tudo isso acontece comigo hoje, isso se deve à aprendizagem nessa caminhada compartilhada. E novamente estava eu me dirigindo a Brumadinho, lugar que me ensinou muitas coisas, e me ensinaria ainda mais a partir da tragédia, do desastre derivado de crime corporativo da Vale em 2019.

Infelizmente, mas como é preciso encarar de frente e sem medo, nem tudo o que aprendi em Brumadinho é belo e sublime. Longe de mim idealizar um povo, comunidade, pessoas e modo de vida. Nos tempos contraditórios que vivemos, marcados por trajetórias históricas de expansão do modo capitalista de ser e viver, do extrativismo, do neo-extrativismo, das mutações do racismo para ser invisível, da misoginia e de tantas outras formas de viver destruindo esperanças, exterminando saberes e oprimindo os fortes, porque os oprimidos são fortes por definição visto que resistem, Brumadinho me ensinou a ser um garoto branco, filho da classe média e detentor de privilégios pela minha condição social e os capitais simbólicos que atravessam e organizam a minha vida e de muitos como eu, no topo da escolarização ou da educação formal em um país sempre marcado por “crises da educação”, como Darcy Ribeiro nunca nos deixou esquecer. Aprendi a xingar e humilhar os adversários de peladas na rua, disputas de bolinhas de gude (e sim, eu vivi em tempos e em uma cidade na qual até as 22:00 podíamos brincar e brincar muito na rua), com palavras como “viado”, “índio”, “filho da puta”, ... Aprendi, mesmo sem saber que aprendia, a ser machista, racista, misógino, preconceituoso nesse país que se sonha cordial e democrático.

Porém, nos tempos atuais, na caminhada universitária, no ativismo socioambiental, na vida que fui construindo desde os tempos de infância em Brumadinho, tenho tentado desaprender essas formas viciosas de ser e viver, que são o substrato cotidiano, como nos lembra Certeau, de uma vida vivida sob a égide do economicismo, do necrocapitalismo, dos epistemicídios, da colonialidade, do extrativismo de saberes, ideias, sonhos e até das vidas humanas e não humanas. Porém, apenas ao retornar em lágrimas e dor, em luto, à minha terra, Brumadinho, e ao ser obrigado, inclusive por força do ofício de professor e pesquisador extensionista da PUC Minas, a penetrar nas profundezas desse território tão belo e tão trágico, foi aí que desaprendi com mais razão e sentimento e comecei a aprender mais radicalmente a pesquisar, fazer extensão, ensinar, ser, estar, viver e resistir dentro e fora da universidade, dentro e fora de

Brumadinho, dentro e fora de todos os lugares que minha vida social me levar a estar.

A mineração, desde tempos remotos, sempre foi assassina. Em Brumadinho, ela assinou quase trezentas pessoas de uma vez só. Aí, para a mídia e para o mundo, o necrocapitalismo e o *necromanagement* da mineração se tornaram notícia, se tornaram assunto, até mesmo porque seria impossível tornar invisível tamanha tragédia, tamanho desastre. Mas, o conhecimento mediado pela grande mídia, nessa era de muitos zaps e pouca informação, de muitas opiniões e poucos saberes, de muitas falas e poucas escutas, tem suas armadilhas para manter invisível aquilo que tem que ser mostrado. E as ondas das tragédias ambientais espetacularizadas tem seus ciclos. Gradativamente, Brumadinho foi desaparecendo da grande mídia. Mas as pessoas continuam, as históricas interrompidas continuam, as ausências estão lá preenchendo os vazios existenciais.

Hoje, dia 17 de dezembro de 2021, Brumadinho está invadida por outras ondas de lama e destruição, como nos alerta André Dias. A “Indústria da Ajuda”, com dezenas, talvez centenas de organizações, consultorias, órgãos do Executivo, Judiciário e Legislativo, movimentos sociais e ambientais e toda sorte de pessoas em busca de trabalho e renda, está instalada na cidade. Não é por menos que o município aumentou em 10% o total da população e hoje vivencia algo impensável até bem pouco tempo atrás, tais como engarrafamentos com tempo de grande metrópole no trânsito da sede do município, que deve ter por volta de 15.000 habitantes, encarecimento do custo de vida, aumento do preço dos alugueis, roubos, crimes e tráfico de drogas. Tudo isso somado com o aumento exponencial de problemas de saúde pública que são sempre presentes em territórios atravessados pela mineração: alcoolismo, drogadição, tentativas de autoextermínio e abusos sexuais, sobretudo contra crianças. A “Indústria da Ajuda”, que se alimenta dos recursos alocados para reparar, consertar, regenerar, reviver territórios, sabe muito bem como muito fazer, muito alterar

para não alterar nada. Parece ser quase uma reprise do cinismo do príncipe Tancredi na Itália revolucionária de “O Leopordo” de Guiseppe di Lampedusa: “*É preciso mudar se quisermos que tudo fique como está*”.

Para os olhares desatentos, que conhecem Brumadinho pela grande mídia e por idas rápidas e fugidias ao Museu Inhotim, tudo parece ir muito bem nesse território. Não haverá os mesmos problemas que acontecem e aconteceram em Mariana, porque temos Assessorias Técnicas e não a Fundação Renova atuando no município, porque o discurso corporativo da mineradora Vale agora demonstra de forma bem calculada e organizada, em diferentes relatórios empresariais de sustentabilidade, que a lição foi aprendida e que agora a empresa faz mais e melhor pelo município, porque o Ministério Público mantém seu compromisso de proteger as pessoas das violações sistemáticas de direitos através das negociações que resultaram nos acordos de reparação e no modelo de trabalho das Assessorias Técnicas, porque agora há planos dos governos federal, estadual e local para enfim fazer o turismo florescer em Brumadinho, etc., etc. “Tudo me confunde na retina enfarada”, nos lembra Machado de Assis. O olhar que conhece de longe, ao conhecer de perto, em conjunto, sem praticar extrativismos de conhecimento, descobre outra Brumadinho.

Sim, Brumadinho sempre foi e permanecerá enigmática, mas não são apenas as armadilhas de produzir e reproduzir saberes relevantes para a vida, como nos lembra Enrique Leff, que nos desafiam em Brumadinho. Somos desafiados por uma “Indústria da Ajuda”, da Regeneração, de Reconstrução que tudo demonstra para nada demonstrar, que muito atua, mas pouco garante de proteção aos direitos de pessoas, grupos e comunidades que historicamente vivenciam o esquecimento, o menosprezo, a subcidadania. Por isso, nesse turbilhão de projetos, nesse projetismo protagonizado inclusive por uma sociedade civil que por vezes não consegue reconhecer que a relação com o Estado (e também com as empresas mineradoras, as consultorias contratadas, os prestadores de

serviços) pode ser muito próxima para ser confortável, como nos lembram Michael Edwards e David Hulme no clássico “*Too Closed to Comfort*”.

Por isso, em uma Brumadinho atravessada pelo projetismo da “Indústria da Ajuda”, muito se faz nos mesmos territórios desse município e pouco ou nada se faz em outros. Próximo à zona quente, nome dado a região afetada diretamente pela lama, escolas rurais estão desassistidas. Enquanto no auge da cobertura midiática do desastre derivado de crime corporativo da Vale, no Córrego do Feijão (zona quente) famílias receberam até 06 diferentes grupos de ajuda (psicólogos da empresa, da prefeitura, de ONGs, pessoas de igrejas, etc., etc.) em um mesmo dia, em outros lugares sequer um projeto socioambiental chegou, como em Melo Franco.

Para aqueles que conhecem Paulo Freire e Orlando Fals-Borda muito mais dos escritórios dos grupos de pesquisa e muito menos do convívio cotidiano com povos, comunidades, grupos e pessoas que sofrem com a subcidadania, o epistemicídio e a invisibilidade, as universidades podem ser as guardiãs de Brumadinho. Pelas boas intenções de pesquisadores críticos, Brumadinho conseguirá se reerguer e até sobreviver às outras ondas de lama de destruição que vem depois da lama assassina do dia 25 de janeiro de 2021. Ledo engano. O dinheiro que resulta na punição da corporação mineradora assassina trilha caminhos tortuosos até retornar às universidades na forma de contratação de serviços ou aplicação em diagnósticos e pesquisas. Isso é importante e pode e deve haver. Porém, também alimenta grupos de pesquisa muito amigos de uma, enfim, depois de séculos de necrocapitalismo extrativista, mineração sustentável. Porém, as armadilhas que atravessam as universidades que migraram suas pesquisas e extensão para Brumadinho não se resumem a isso. Mesmo nos grupos antimineração, anti-extrativismo, dentre aqueles que criticam o necrocapitalismo mineral no país, outros riscos mais frugais e cotidianos se impõem.

Os saberes freirianos nos exigem olhar para dentro de nossas instituições, grupos de pesquisa, equipes extensionistas, para nossos alunos e alunas com vigor, ousadia, coragem e esperança. Estamos em 2021; não há mais espaço para a brutalidade, a suposta “ira-santa” e o autoritarismo com que intelectuais, pesquisadores e professores, através de um discurso e postura ensimesmados, rudes e até violentos simbolicamente, impõem aos seus educandos a crítica urgente e necessária anticapitalista, antissexista, antirracista, enfim, todas as críticas necessárias. As críticas são urgentes e essenciais, mas não podem abrir mão do nosso microcosmo do fazer acadêmico, a crítica começa em nossa morada do pensar, sentir e conviver dentro da universidade, sai e volta a todo tempo à universidade.

As críticas que mais prezamos, e temos que prezar sempre pelos contrapontos e críticas, vem dos sujeitos que vivem em situação de invisibilidade social, racismo ambiental, vulnerabilidade e risco. Esses trazem a fala de quem tem pressa, como nos ensinou o “irmão do Henfil”, o saudoso Betinho. Na nossa luta por materializar a “Extensão Invertida” a que nos convida Boaventura de Sousa Santos, temos aprendido que o mais fácil é trazer um catador de materiais recicláveis para ensinar em nossas aulas, mais difícil é desconstruir em nós e todos e todas da universidade sentimentos e sensações que podem ser positivas no microcosmo de nossas relações, mas podem e são muito destrutivas quando reverberadas socialmente, coletivamente. A piedade, a caridade, a compaixão, que são do humano e estão sempre conosco, podem se tornar assistencialismo, paternalismo ou exotismo, fazendo com que as lutas contra os espitimidões e colonialismo, paradoxalmente, empoderem e reifiquem o próprio colonialismo. Empatia, uma emoção debatida há muito tempo no pensamento filosófico, político, econômico e psicológico, desde Adam Smith e antes dele, traz a potência de construir encontros duradouros e baseados no reconhecimento autêntico do outro e não na compaixão, tão típica da simpatia. Precisamos de uma extensão universitária, cada dia menos simpática e mais empática. É essa extensão que queremos perseguir em Brumadinho. Ela se faz com vigor? Eu seria

hipócrita em dizer que sim, mas seria injusto comigo e com todos da nossa equipe extensionista se dissesse que não.

Minha trajetória intelectual foi marcada por essas contradições no espaço universitário. Pesquisadores sobre participação social que eram autoritários em sala de aula e nos grupos de pesquisa, investigadores do sindicalismo que primavam pela brutalidade no falar em direção aos educandos que ousavam estabelecer um discurso menos crítico às corporações, aos gestores do capital. Eu tenho desaprendido e buscado me libertar do autoritarismo da crítica que não ultrapassa os escritórios dos grupos de pesquisa e das vaidades acadêmicas que tanto nos seduzem nesses tempos de tantas métricas sobre impacto e tão pouco impacto da pesquisa através do convívio cotidiano com brilhantes e inspiradores jovens extensionsistas nas equipes multidisciplinares que sou grato por coordenar nos projetos que desenvolvemos junto às comunidades de Brumadinho.

Ainda com muito a melhorar e avançar, vamos perseguindo três ideias essenciais que o Polos de Cidadania me ensinou e ensina às nossas equipes extensionistas, a centralidade, autonomia e protagonismo dos atores locais, sempre e de forma inegociável. Tenho tentado desaprender o racismo e o machismo que marcaram minha socialização primária. Tenho tentado enxergar melhor e em maior complexidade os saberes esquecidos, mas tão urgentes, dos povos ancestrais e tradicionais que sempre estiveram em Brumadinho. Não estou completo, nunca estarei. Mas sou outro e isso me ensinou e marcou mais que, ousou dizer, os diplomas do conhecimento formal que obtive subindo degrau por degrau da caminhada universitária: graduação, mestrado e doutorado.

Por isso, e sempre, meu coração estará em Brumadinho, na alegria e nas dores desse território que é minha casa. Lá estou reinventando as amizades e construindo novas relações de empatia. A partir de lá estou reinventando as relações que tenho construído pelo mundo afora. E, agora, o esperar não sai mais de mim....

Para fechar, as referências desse relato não serão nada formais ou dentro dos padrões de normalização. Serão muito anormais, porque na anormalidade reside a reinvenção da normalidade. Eis as minhas referências...

Obrigado, Paulo Freire!!!!

Obrigado, Orlando Fals-Borda!!!!

Obrigado, Bell Hooks!!!!

Obrigado, Enrique Leff!!!!

Obrigado, Boaventura de Sousa Santos!!!!

Obrigado, Edgard Morin!!!!

Obrigado, Ronaldo Bastos e Beto Guedes!!!!

Obrigado, Clube da Esquina!!!!

Obrigado, Maria Cecília Loschiavo dos Santos!!!!

Obrigado, Peter Spink!!!!

Obrigado, Sônia Ospina!!!!

Obrigado, André Luis Freitas Dias!!!!

Obrigado, Guiseppe Tomazi di Lampedusa!!!!

Obrigado, Mike Edwards e David Hulme!!!

Obrigado, Emil Sbottka!!!!

Obrigado, Mário Aquino Alves!!!

Obrigado, Alberto Acosta!!!!

Obrigado, Michell de Certeau!!!!

Obrigado, Machado de Assis!!!!

Obrigado, Portal GGN!!!

Obrigado, juventude extensionista do NUPEGS / PPGA / PUC Minas!!!!

Obrigado, todos e todas do belíssimo curso da FioCruz, um verdadeiro presente para todos nós, do qual surgiu este ensaio!!!!

DA APATIA À EMPATIA NA PESQUISA ENGAJADA: MARCAS INDELÉVEIS DA LAMA QUE TUDO TRANSFORMOU

Resumo

Este é um relato de um pesquisador que teve sua vida transformada pelo tragédia derivada de crime corporativo acontecido em Brumadinho, Minas Gerais, no dia 25 de janeiro de 2019.

Palavras-chave: Brumadinho. Pesquisa engajada. Empatia. Crime corporativo. Extensão universitária.

DE LA APATÍA A LA EMPATÍA EN LA INVESTIGACIÓN COMPROMETIDA: MARCAS INDELEBLES DEL BARRO QUE LO TRANSFORMÓ TODO

Resumen

Este es el relato de un investigador que vio su vida transformada por la tragedia derivada del crimen corporativo ocurrido en Brumadinho, Minas Gerais, el 25 de enero de 2019.

Palabras clave: Brumadinho. Investigación comprometida. Empatía. Delitos societarios. Extensión universitaria.

FROM APATHY TO EMPATHY IN ENGAGED RESEARCH: INDELIBLE MARKS OF THE MUD THAT TRANSFORMED EVERYTHING

Abstract

This is an account of a researcher who had his life transformed by the tragedy derived from corporate crime that happened in Brumadinho, Minas Gerais, on January 25, 2019.

Keywords: Brumadinho. Engaged research. Empathy. Corporate crime. University extension.

CONTRIBUIÇÃO

Armino dos Santos de Sousa Teodósio

O autor declara ser o único responsável por todas as fases envolvendo a elaboração desta contribuição.

CONFLITOS DE INTERESSE

O autor declara não haver conflitos de interesse.

PROCEDIMENTOS ÉTICOS

O autor declara que foram observados os princípios e preceitos éticos que norteiam a pesquisa com seres humanos no estudo que serviu de base para esta contribuição.

AGRADECIMENTOS

O autor agradece à Pró-Reitoria de Pesquisa e à Pró-Reitoria de Extensão da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, ao CNPq, à CAPES e à FAPEMIG pelo recursos e instalações que viabilizaram a realização do estudo a partir do qual os dados da contribuição foram obtidos.

COMO CITAR

Teodósio, Armino S. S. (2022). Da apatia à empatia na pesquisa engajada: marcas indelévels da lama que tudo transformou. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 9(25), 449-467.